
POMAR

FADO

Texto | Text **Sara Pereira**

Directora | Director **Museu do Fado/EGEAC**

JÚLIO POMAR
S/ título | Untitled
2010
Tinta permanente sobre papel
Permanent ink on paper
29,6 x 21,1 cm
Colecção | Collection Fundação Júlio Pomar



JURO QUE NÃO ESTOU NO GOZO¹

Júlio Pomar (05/04/2014)²

A monarquia do fado

Nunca terá eleições

Que jamais foi contestado

O lugar dos tubarões

No assentimento dado

P'lo sentir das multidões

O bom povo dá lições

Ninguém fica incomodado

Carlos Primeiro o Charmoso

Foi assim apelidado

Pelas várias gerações

“Juro que não estou no gozo

Porque tudo isto é fado”

Disse Pessoa ao Camões

Artista universal, Júlio Pomar fundou o seu legado num espaço de permanente inquietude, continuamente sublimando novas formas de olhar, de entender e de intervir no mundo. Na sua obra plural, pintura, poesia, ensaio e reflexão crítica participam da vontade lúcida e profundamente consciente de conseguir fazer de cada chegada um novo ponto de partida. Convocando os grandes temas da literatura ocidental e da cultura portuguesa, ao longo de sete décadas, o seu legado intemporal revela-se como um território aberto e livre de todas as amarras possíveis da História da Arte. A sua extraordinária capacidade de rever e actualizar os grandes mitos na imagem do presente, de estilizar fronteiras entre erudito e popular, de reunir referências da literatura, da arte, da mitologia ou do vernáculo para as reorganizar numa gramática plástica e poética em constante renovação, traduz um imperativo contínuo e deliberado de redefinir, a cada momento, as regras do jogo, de assumir riscos, de perscrutar novas linguagens, distanciando-se criticamente dos cânones e liminarmente recusando o conforto das fórmulas rotineiras.

Moderna e intemporal, a sua obra plástica e poética permite-nos redescobrir, também a partir do universo do Fado, o quanto mudámos e o quanto crescemos nessa capacidade de, livremente, nos reinventarmos. Numa obra luxuriante de cor, de energia visual, ritmo e movimento, revisitamos alguns dos temas matriciais do Fado num tom necessariamente distante e distinto do *negro fado brutal*³ que a iconografia do género cristalizou, ao longo do século XX, a partir da obra de Malhoa. Na pintura ou na palavra, o Fado participa da irreverência e da alegria de Júlio Pomar, ao devolver-nos em imagens, plásticas ou poéticas, novas narrativas que celebram o Fado num registo inevitavelmente insubmisso ao fatalismo das *tristezas cor de chumbo*.⁴

Território de incertezas, a obra de Pomar celebra o Fado em testemunhos eloquentes que revelam afectos, sonhos, memórias, protestos, indagações e energias vitais

1 Versos escritos para Carlos do Carmo no quadro das celebrações dos seus 50 anos de carreira in Sara PEREIRA (coord.) *Carlos do Carmo 50 Anos*, Museu do Fado, 2014, p. 45.

2 Idem, *ibidem*, p.45

3 *Fado da Sina*, letra de Amadeu do Vale e música de Jaime Mendes.

4 Do poema “Males de Anto” de António Nobre, autor confesso do livro mais triste de Portugal. Veja-se Só, Porto, Aillaud & Lello, 1913.

que continuamente nos sugerem renovadas dimensões de leitura. Distanciando-se deliberadamente do *pathos* mais melancólico que a iconografia do género cristalizou, ao longo do século XX, Júlio Pomar celebra um Fado exuberante de cor e movimento, altivo e livre, pleno de afectos e de humor.

Embora possamos rastrear a presença da guitarra portuguesa na sua obra plástica até aos anos de 1946 e 1947 -no extinto mural do Cinema Batalha, na cidade do Porto – a relação de Júlio Pomar com o Fado ganha novo fôlego em 2007, data em que conclui três retratos do amigo Carlos do Carmo, um deles figurando na capa do álbum *À Noite*,⁵ onde se incluem dois poemas da sua autoria. Serão, sobretudo, os amigos que pinta em retrato: *Carlos Primeiro o Charmoso*, mas também Cristina Branco, Mariza ou Carlos Paredes, cujo legado musical admira incondicionalmente: «o país em diminutivo (...) achava normalzinho que um dos maiores músicos de Portugal (o país nunca deu muitos) se apagasse em modesto funcionário de não sei que repartição e desse à sua guitarra apenas as migalhas sobrantes do ganha-pão. Estou a falar do Carlos Paredes (...) O país onde Carlos Paredes fez a sua música vivia numa nuvem de merda com algodão em rama por fora.»⁶

Nos retratos redescobrimos a alegoria e o mito que se dimensionam no contínuo diálogo entre o pintor e a obra. E se a amizade cúmplice com artistas de Fado, adensou a sua paixão pelo tema, nos retratos «é a si que representa e chega-nos intacto, através do que os homens lhe são».⁷

Sugerindo a iconografia de Lisboa na narrativa mitológica de Homero, insinuando a saudade, nas mãos de Amadeo Souza-Cardoso, na afamada *Lusitânia no Bairro*

5 *Fado do 112*, (letra de Júlio Pomar, música de Armando Freire), *A Guitarra e o Clarim* (letra de Júlio Pomar, música de Joaquim Campos), *À Noite*, Carlos do Carmo, Universal, 2007.

6 JÚLIO POMAR, «Lagarto, lagarto!» in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa (19 de Fevereiro, 2003), p. 16.

7 António Lobo ANTUNES, *Júlio Pomar. Les Joies de Vivre*. Paris: Éditions de la Différence, 1997, p. 81.

Latino, protagonizando feitiços e encantos da *Cartilha do Marialva*, executada por burros tocadores, por vezes transformada em *Cascata*, a guitarra de Júlio Pomar faz-se de energia visual, de humor, de ritmo, movimento e cor, num tom inevitavelmente distante do teatro da melancolia que José Gomes Ferreira encontrava nas «casas de sofrer, com mesas, cadeiras e bebidas, tristíssimas, frequentadas por quem quer chorar em público, sem medo do ridículo.»⁸

Na sua pintura, o Fado desfila por entre incautos marinheiros, sereias cintilantes, marialvas e burros, mitos antigos e modernos, num festim de temas que o olhar plural do pintor continuamente revê e actualiza, num registo avesso à «pasmaceira do inferno do normal»⁹

Aproximando-se do universo do Fado na última década e acompanhando a sua consagração como Património Cultural Imaterial da Humanidade, Júlio Pomar celebra o tema «Sem capricho ou presunção», como sempre foi e sempre será, *ars populi* que nos identifica porque continuamente nos remete para um espaço comum de emoção partilhada.

Refutando alegadas fronteiras entre os domínios *erudito* e *popular*, Pomar propõe uma imagem-síntese nos retratos de *Alfredo Marceneiro* e *Fernando Pessoa*, sublimando a identidade interartística do Fado.

Sempre reafirmando a arte como instrumento de pensamento e reflexão social, também na poesia o humor parece apaziguar uma visão crítica da sociedade, em tudo semelhante «ao sorriso do pintor, quando sob os óculos se abrem rugas de garoto de Lisboa, contente

8 José Gomes FERREIRA, “Notícias Ilustrado – Comentários” suplemento do *Diário de Notícias*, Lisboa, ano IV, Serie II, nº 174, de 11 de Outubro de 1931.

9 *Fado do 112*, (letra de Júlio Pomar, música de Armando Freire), Carlos do Carmo, *à Noite*, Universal, 2007.

de navegar barquinhos de papel na chuva das valetas». ¹⁰ A eloquência irreverente dos seus versos pode situar-se no extremo oposto da narrativa resignada, acrítica e fatalista que décadas de depuração censória inscreveram nos repertórios de Fado: «Pá o amor é urgente / Não dêem cabo da gente». ¹¹

Escritos no avesso da «choringuice da lágrima ao canto do olho», ¹² os seus fados são quase *anti-fados*: «Fado nosso da saudade / Que nos consolas de tudo / Tens a mesma utilidade / De no Verão um sobretudo».

Sondando a musicalidade intrínseca das palavras, Júlio Pomar diverte-se a «fazer coisas com a linguagem já feita» ¹³ e, por vezes, como um *dadaísta*, sai-lhe um «Fado Mal Passado». ¹⁴ Ouvinte atento e curioso, delicia-se com expressões idiomáticas e auxiliares da língua de uso quotidiano, mas vazios de significado: «Bem disposto? Então vá / Pão e vinho sobre a mesa / Há cozido à portuguesa / É sexta-feira, então vá» ¹⁵

Na sua obra plástica e poética redescobrimos o papel fundamental que o Fado tem no nosso olhar sobre nós próprios, na nossa consciência da identidade portuguesa, na nossa capacidade simultânea de sermos quem somos e de estarmos, permanentemente, abertos ao mundo. Reflexão profunda sobre a nossa existência colectiva, o legado de Júlio Pomar permanecerá como lugar privilegiado de uma experiência onde a viagem não tem limites.

10 António Lobo ANTUNES, *Júlio Pomar. Les Joies de Vivre*. Paris: Éditions de la Différence, 1997, p. 77.

11 «Canto Três», (letra de Júlio Pomar, música de António Vitorino de Almeida), *Maria João Pires / Carlos do Carmo*, Lisboa, Universal, 2012.

12 Júlio POMAR, «Júlio Pomar – Autobiografia» *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (26 de Maio a 8 de Junho de 2004), p. 11.

13 Júlio POMAR, *Júlio Pomar O Artista Fala... Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro*. Lisboa: Documenta/ Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar, 2014, p. 102.

14 *Fado Mal Passado*, (letra de Júlio Pomar, música de António Vitorino de Almeida), Cristina Branco, *Kronos*, Universal, 2009.

15 Versos inéditos, escritos para Carlos do Carmo.



JÚLIO POMAR
S/título | Untitled
2010

Marcador de feltro e esferográfica sobre papel | Felt pen na ballpoint pen on paper
29,6 x 21,1 cm

Colecção | Collection Fundação Júlio Pomar

I SWEAR THIS IS NOT A JOKE¹

Júlio Pomar (05/04/2014)²

The King of Fado
Will never face election.
The place of sharks
Is never questioned

When assent is given
By an ecstatic crowd.
The good give lessons
Nobody gets upset,

‘Charming Carlos the First’
As he was known
By people young and old

‘I swear this is not a joke...
Because all this is fado.’
So said Pessoa to Camões

1. Written for Carlos do Carmo on the occasion of his 50th anniversary as a professional singer, in Sara PEREIRA (coord.) Carlos do Carmo 50 Anos, Museu do Fado, 2014, p. 45.

2. Idem, *ibidem*, p.45

A universal artist, Júlio Pomar’s legacy is founded on a permanent restlessness, continuously sublimating new ways of looking at, understanding and acting in the world. Throughout his wide-ranging body of work, painting, poetry, essay and critical reflection are all used within his profoundly lucid and conscientious drive to find a new starting point at each arrival. Invoking major themes of Western literature and Portuguese culture over seven decades, Pomar’s timeless legacy reveals itself as an open territory, unrestrained by limitations of Art History. His extraordinary ability to revise and recast great myths in the light of the present day, to shatter boundaries between high and popular culture, to assemble references to literature, art, mythology and popular culture and reorganise them into a coherent visual and poetic syntax of constant renewal reflects an incessant and wilful drive to continuously redefine the rules of the game, to take risks, to scrutinise new languages and critically distance himself from the canons, flatly refusing the comfort of routine formulas.

Modern and timeless, his visual and poetic work – including his work in Fado – allows us to rediscover how much we have changed and grown in this capacity to freely reinvent ourselves. In a work luxuriating in colour, visual energy, rhythm and movement, we revisit some of the key themes of Fado, yet in a tone which is necessarily removed and distinct from the *negro fado brutal*³ iconographically crystallised throughout the 20th century from the work of Malhoa onwards. Whether in painting or in words, Júlio Pomar’s irreverence and joy offers new narratives, new visual and poetic images that celebrate fado in a way that inevitably eschews the fatalism of *tristezas cor de chumbo*.⁴

A territory of uncertainties, the work of Pomar celebrates Fado with an eloquence that uncovers affections, dreams, memories, protests, investigations and vital energies, continuously suggesting new dimensions in their reading. Deliberately distancing himself from the melancholic *pathos* crystallised by the genre’s iconography throughout

3 (brutal black fado) *Fado da Sina*: lyrics by Amadeu do Vale; music by Jaime Mendes.

4 (lead-coloured sadness) From the poem ‘Males de Anto’ by António Nobre, author of ‘*the saddest book in Portugal*’. Cf. Só, Porto, Aillaud & Lello, 1913.

the 20th century, Júlio Pomar celebrates an exuberant Fado of colour and movement; a Fado that is proud and free, full of affection and humour.

Although we can trace the presence of the Portuguese guitar in his visual work from the years 1946 and 1947 – in the destroyed mural of Cinema Batalha in Porto – Júlio Pomar's relationship with Fado took on a new lease of life in 2007 when he produced three portraits of his friend Carlos do Carmo, one of which appears on the cover of the album *À Noite*,⁵ an album which includes two poems by the artist. More than anything, he was an unconditional admirer of the musical legacy of those friends whose portraits he painted (*Carlos Primeiro o Charmoso*, but also Cristina Branco, Mariza and Carlos Paredes): 'this country is small (...) I didn't like the idea that one of Portugal's greatest musicians (the country has never had many) should wind up as working as an employee in some insignificant company department and only give his guitar the crumbs left over from his occupation. I'm talking about Carlos Paredes (...) The country where Carlos Paredes made his music was living in a cloud of shit wrapped up in cotton wool.'⁶

In these portraits, we rediscover allegory and myth formed in continuous dialogue between the painter and the work. And if his close friendship with Fado artists deepened his passion for the subject, in the portraits 'he himself is the subject which shines through, filtered through the significance he gives to the people he portrays.'⁷

Whether used to suggest the iconography of Lisbon through Homer's mythological narratives, implying *saudade* (or nostalgia) in the hands of Amadeo Souza-Cardoso or in the famous *Lusitânia no Bairro Latino*, whether casting spells and enchantments from the *Cartilha do Marialva*, in the hands of performing donkeys or transformed into

5 *Fado do 112*, (lyrics Júlio Pomar, music Armando Freire), *A Guitarra e o Clarim* (lyrics Júlio Pomar, music Joaquim Campos), *À Noite*, Carlos do Carmo, Universal, 2007.

6 Júlio POMAR, 'Lagarto, lagarto!' in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisbon (19 February 2003), p. 16.

7 António Lobo ANTUNES, *Júlio Pomar. Les Joies de Vivre*. Paris: Éditions La Différence, 1997, p. 81.

a *Cascata*, Júlio Pomar's guitar possesses visual energy, humour, rhythm, movement and colour; yet its tone is the inverse of that theatre of melancholy which José Gomes Ferreira observed in the 'houses of suffering, with sad tables, sad chairs and sad drinks, frequented by those who want to cry in public without fear of ridicule.'⁸

In his painting, Fado is transformed into a parade of reckless sailors, sparkling mermaids, Don Juans and donkeys, ancient and modern myths; a veritable feast of subjects that the painter's prismatic gaze continuously reviews and updates in contrast to 'the banality of everyday hell'.⁹

Following Fado in the last decade and its consecration as Intangible Cultural Heritage of Humanity, Júlio Pomar celebrates the form 'with neither prejudice nor caprice', as it always has been and always will be: a true *ars populi* with which we identify because it continuously takes us to a space of shared emotion.

Rejecting alleged boundaries between high and popular culture, Pomar offers an image-synthesis in his joint portrait of *Alfredo Marceneiro and Fernando Pessoa*, sublimating the shared artistic identity of Fado.

Using art as an unfailing instrument of thought and social reflection, the humour in his poetry also leavens his critical view of society: 'the painter's smile, when wrinkles form under the glasses of the boy from Lisbon, he happily sails paper boats in the rain-swelled gutters'.¹⁰ The irreverent eloquence of his verses is at the opposite end of the resigned, uncritical and fatalistic narrative that decades of censorship inscribed in the Fado repertoire: 'Man... love is pressing / It leaves us obsessing'.¹¹

8 José Gomes FERREIRA, 'Notícias Ilustrado – Comentários' supplement of *Diário de Notícias*, Lisbon, Year IV, Series II, no. 174, 11 October 1931.

9 *Fado do 112*, (lyrics Júlio Pomar, music Armando Freire), Carlos do Carmo, *à Noite*, Universal, 2007.

10 In António Lobo ANTUNES, *Júlio Pomar. Les Joies de Vivre*. Paris: Éditions La Différence, 1997, p. 77.

11 *Canto Três*, (lyrics Júlio Pomar, music António Vitorino de Almeida), *Maria João Pires / Carlos do Carmo*, Lisbon, Universal, 2012.

In comparison to those ‘laments with a tear in the corner of the eye’,¹² his are almost anti-fados: *‘Oh fado, how you console us / And help us forget our afflictions / Like a winter’s coat in warm weather / In the Summer we could do better.’*

Probing the intrinsic musicality of words, Júlio Pomar enjoyed ‘doing things with language as it is’;¹³ at times, like a Dadaist, getting a ‘Fado Mal Passado’.¹⁴ An attentive and curious listener, he delighted in those idiomatic but empty expressions of everyday language: ‘In a good mood? So go ahead / Bread and wine on the table / Next to Portuguese Stew / It’s Friday, so go ahead’¹⁵

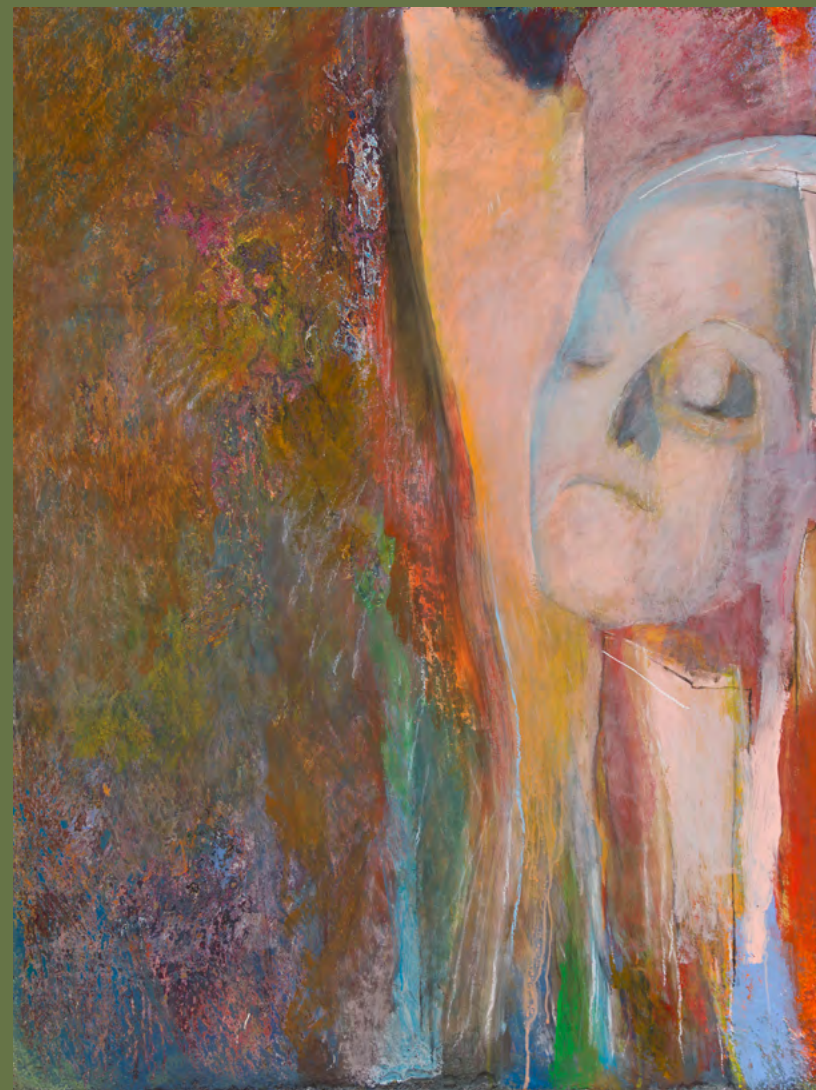
In both his visual and poetic work we rediscover the fundamental role of Fado in the view we have of ourselves, in our awareness of Portuguese identity, in our simultaneous capacity to be both who we are and permanently open to the world. A profound reflection on our collective existence, Júlio Pomar’s legacy will remain a special place of limitless experience and endless journey.

12 Júlio POMAR, «Júlio Pomar – Autobiografia» *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (26 May to 8 June 2004), p. 11.

13 Júlio POMAR, Júlio Pomar *O Artista Fala... Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro*. Lisbon: Documenta/ Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar, 2014, p. 102.

14 ‘[Raw Fado], (lyrics Júlio Pomar, music António Vitorino de Almeida), Cristina Branco, *Kronos*, Universal, 2009.

15 Unpublished verses, written for Carlos do Carmo.



JÚLIO POMAR

Marisa

2011

Acrílico e pastel sobre tela | Acrylic and pastel on canvas

128 x 98 cm

Colecção | Collection Fundação Júlio Pomar

**CIRCE
(MEU AMOR CORRE-ME O CORPO)**

Cristina Branco | Ulisses (2005)

Júlio Pomar | Custódio Castelo

Meu amor corre-me o corpo
Com beijos soltos nos dedos
Que as sombras da tua pele
Aprendam os meus segredos.

Meu amor corro-te o corpo
Com beijos soltos dos dedos
Que as sombras da minha pele
Naveguem nos teus segredos

Meu amor corre-me o corpo
Com beijos soltos pelos dedos
Que as sombras da minha pele
Se soltem dos teus segredos

**CIRCE
(MY LOVE RUNS THROUGH MY BODY)**

Cristina Branco | Ulisses (2005)

Júlio Pomar | Custódio Castelo

Delicate kissing fingers
Lovingly run over my body
May the shadows of your skin
All of my secrets uncover.

Delicate kissing fingers
Lovingly run over your body
May the shadows of my skin
All of your secrets discover.

Delicate kissing fingers
Lovingly run over my body
May the shadows of my skin
Be freed from your secrets, my lover.



JÚLIO POMAR

Retrato de Cristina Branco (Alegoria à República) |

Portrait of Cristina Branco (Allegory to the Republic),

2010-11

Acrílico e pastel sobre tela | Acrylic and pastel on canvas

146 x 114 cm

Colecção | Collection Fundação Júlio Pomar, Acervo no | On deposit at Atelier-Museu

FADO DO MAL PASSADO*Cristina Branco | Kronos (2009)**Júlio Pomar | António Victorino de Almeida*

Ó fado do já passado	E por disco e por mudança
Se te quadras p'ró futuro	As mudanças são a esmo
És dado p'ra ser jogado	Nada se mantém o mesmo
O resto fica no escuro	E até o povo se cansa

Fado nosso da saudade	Ó tempo atento à mudança
Que nos consolas de tudo	Passa o presente a passado
Tens a mesma utilidade	Depois do caldo entornado
De no Verão um sobretudo	Salta a pulga prá balança

Sobretudo não me digas	Sai um fado mal passado
O mundo feito de vez	Co'a salada do futuro
Cada mês é outro mês	No cinto faz mais um furo
E do pão se fazem migas	E não digas obrigado

Ó tempo que és mudança
 Passa o presente a passado
 Antes do caldo entornado
 Muda o disco e siga a dança

FADO; MEDIUM RARE*Cristina Branco | Kronos (2009)**Júlio Pomar | António Victorino de Almeida*

The fado of the past is rare	As one change follows from another,
kept on hand for the future	And the rate of change is maintained
A trump played when it suits	It all starts feeling the same
The rest a forgotten affair.	And the people are starting to wane,

Oh fado, how you console us	Time, attuned to this change,
And help us forget our afflictions,	Turns the present into the past
Like a winter's coat in warm weather,	Instead of crying spilt milk
In the Summer we could do better!	Don't allow this situation to last.

Please don't say you accept	The fado is served to us raw
The world as it is in the present,	The future a salad of greens
As soon as each month has began	Tighten a notch in your belt
We make ends meet best they can.	And the 'meal' onto the floor.

Time, you are change in itself,
 The present is turned into past,
 Instead of crying spilt milk,
 Hit the volume, stoke up the party.

FADO DO 112*Carlos do Carmo | À Noite (2007)**Júlio Pomar | Armando Freire [Fado Manganito]*

Sem capricho ou presunção
Nesta torre de papel
Deita sete olhares de mel
Em metade de um limão

Na noite mais traiçoeira
Ruim, medonha, brutal
Descontada a pasmeceira
Do inferno do normal

Se me vires à/de cara séria
Juiz, togado ou em fralda
A julgar faltas, à balda
Num tribunal multimédia

E tomado o pensamento
Por rombo, machado ou moca
Pega no laser da moda
Dou-te o meu assentimento

Se me vires, por fraqueza
Por perfídia ou aflição
Mergulhado na tristeza
Com que se mói a razão

E servi-la à sobremesa
Das ceias da frustração
Assentado/Encostado na baixeza
O programa/governo da nação

Por favor peço-te só
Não te demores, vem logo
Traz gasolina, põe fogo
Meu amor, não tenhas dó

**JÚLIO POMAR***Carlos do Carmo*

2007

Acrílico, carvão e pastel sobre tela | Acrylic, charcoal and pastel on canvas

79,5 x 59,5 cm

Coleção | Collection Fundação Júlio Pomar, Acervo no | On deposit at Atelier-Museu

AT NIGHT*Carlos do Carmo | À Noite (2007)**Júlio Pomar | Armando Freire [Fado Manganito]*

With neither prejudice nor caprice,
Come into this paper fortress
And over a bitter wedge of lemon
Give sweet honey sweet release.

On the night of purest treachery,
Most dark, most brutal, most ghastly,
Or here in this everyday hell
condemned in which I dwell.

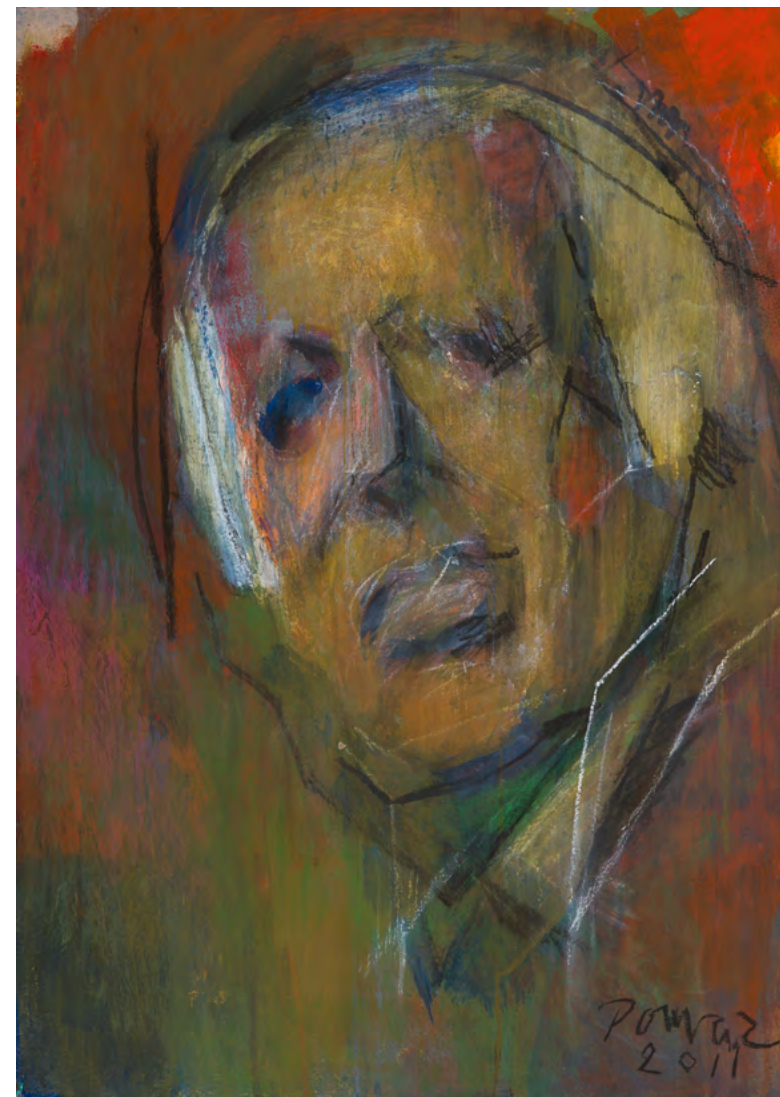
If you see me wearing a frown,
In a judge's wig and gown,
Convicting those falling short
At random in multimedia court.

And having had the thought
And picked up an axe or a bat,
With my total blessings, of course,
Please grab the bull by the horns.

If you see me overcome by weakness,
Stricken by malice or by affliction
In deepest sadness immersed
And with my better reason dispersed.

And then serving it all for dessert
At awful suppers of frustration
And wallowing in the baseness
of the programme of the nation.

Please, just let me ask you
To help me with this task:
Douse everything in fiery fuel,
For a final fiery renewal.

**JÚLIO POMAR***Carlos do Carmo*

2011

Acrílico e pastel sobre tela | Acrylic and pastel on canvas

70 x 49,5 cm

Coleção | Collection Fundação Júlio Pomar, Acervo no | On deposit at Atelier-Museu

A GUITARRA E O CLARIM

Carlos do Carmo | À Noite (2007)

Júlio Pomar | Joaquim Campo [Fado Puxavante]

Todo o caso tem um fim
E se à noite se encontravam
A guitarra e o clarim
Na mesma cama ficavam

E por contar, que contava
O clarim, ao recolher?
Era cinema sem crer
Que nem à noite enganava

Mas quando se descruzavam
Por coisas assim-assim
Era por ela, p'ra mim
Ser guitarra não clarim

Pode o clarim dar a volta
Às ancas duma guitarra?
E que contava a guitarra
Das prosápias do clarim?

Como pode uma guitarra
Ler a agenda dum clarim?
Tudo nota e nada conta
Fecha o livro e diz que sim



JÚLIO POMAR

Fernando Pessoa e Alfredo Marceneiro

2011

Acrílico e pastel sobre tela | Acrylic and pastel on canvas

87,2 x 78,2 cm

Colecção | Collection Fundação Júlio Pomar, Acervo no | On deposit at Atelier-Museu

THE GUITAR AND THE CLARINET

Carlos do Carmo | À Noite (2007)

Júlio Pomar | Joaquim Campo [Fado Puxavante]

Nothing ever lasts forever:
Even wound in bed together
The guitar and the clarinet
Could never be close forever

But going their separate ways
To attend to the affairs of days
It was because she was for me,
Not a clarinet but a guitar.

How can a guitar ever aspire
to knowing a clarinet's mind?
Taking notes and keeping secrets
Closing up and saying yes.

What could the clarinet say
At the end of every day?
Movies, stories, make believe
That even the night could not deceive.

And can a clarinet find its way
Around the hips of a guitar?
What could the guitar possibly say
To the clarinet's repertoire?



JÚLIO POMAR

S/ título | Untitled

2010

Marcador de feltro e esferográfica sobre papel | Felt pen na ballpoint pen on paper

29,6 x 21,1 cm

Colecção | Collection Fundação Júlio Pomar,

CANTO TRÊS

Carlos do Carmo - Maria João Pires (2009)
Júlio Pomar | António Victorino de Almeida

Pá... o amor é urgente	Nas noites desta Lisboa
Não deem cabo da gente	As garinas numa boa
Do que temos de melhor	Pela Travessa da Palha
De que o Paredes dizia	Olhos fechados a mundos
Que era a própria poesia	Vindos do fundo dos fundos
Porém sem menção d'autor	Daquela triste batalha

E para mais quanto ao resto	D'Alcácer Quibir, dou fé
Saia o gado sem cabresto	Morremos todos de pé
Dispensando-se o preceito	Não digas à minha mãe
D'evitar o trinta e um	Varina na Madragoa
Ó meu tens aí algum	Que julga estar em Lisboa
E não digas bom proveito	Um presidente em Belém

A uma história esquisita	E se no fim ela não vê
Na qual à Maria Rita	Pede ajuda ao Carlos Tê
Uns dentinhos de pescada	Que não é parto sem dor
Na boca do corpo dita	O disparate da vida
Vieram à dita confita	Uma história mal par'cida
E a pobre amargurada	Com desfecho hardcore

SONG THREE

Carlos do Carmo - Maria João Pires (2009)
Júlio Pomar | António Victorino de Almeida

Man... love is pressing	On these nights in Lisbon
It leaves us obsessing	The girls are doing fine
It's the best we can give	By the Travessa da Palha
Paredes said himself:	Eyes closed to the world
Like in a poem we live	Because of that sad battle
Without authorial mention.	Of Alcácer Quibir

And as for the rest	Of the battle, I say!
Let the cattle run free	We all die on our feet
Dispense with the precept	Don't tell my mother
Of avoiding the hassle	Varina of Madragoa
Hey, man, you got some...	Who thinks that in Belém
Take it, you're welcome	In Lisbon there's a president.

To a weird story	After all she cannot see
In which little hake teeth	The utter nonsense that is life
Got stuck in the mouth of Rita	Ask for help from Carlos Tê
Just in the nick of time	With labour there's always pain
Making the woman embittered	A story that doesn't begin well
	Can't but end hardcore.

LIBERDADE*Ricardo Ribeiro e Pedro Jóia (2012)*

Júlio Pomar | Pedro Jóia

Oh liberdade chamei-te
 Tu não deste pelo nome
 Uma coisa é apetite
 Outra coisa é a fome.

Eu não ganhava para o bife
 Foi namoro de janela
 Nunca mais estive com ela
 Mas vou saber onde vive

E como ter a certeza
 Que pensa tal como antes
 Perguntas bem digo eu
 Vou reservar uma mesa

Para a ceia dos amantes
 Na melhor sombra do céu.

FREEDOM*Ricardo Ribeiro e Pedro Jóia (2012)*

Júlio Pomar | Pedro Jóia

Oh freedom, I called out to you
 But you didn't hear your name.
 Appetite is one thing
 And hunger quite another.

I was barely making a crust,
 and it was love from afar.
 Though we've never been together
 I'll find out where you are.

But how can I really be sure
 that you think the same as before?
 Good question, I say to myself,
 and book a table for two.

For the supper of the lovers
 In the highest corner of the sky.



JÚLIO POMAR
Cascata | Cascade
 2007

Brinquedos de plástico e peluche, sineta, escova de limpeza, caixa de jóias, fragment de osso, berlindes de vidro, maçã de plástico, fragment de máquina de lavar roupa, pedaço de pincel, pedra e leque em folha de madeira sobre guitarra de madeira
 | Plastic and cuddly toys, small bell, cleaning brush, jewellery box, bone fragment, glass marbles, plastic apple, fragment of washing machine, piece of a paint brush, stone and wooden fan on wooden guitar
 60 x 35 x 44 cm

Collecção | Collection Fundação Júlio Pomar, Acervo no | On deposit at Atelier-Museu

ATELIER-MUSEU JÚLIO POMAR

Directora, Curadora

Director, Curator

Sara Antónia Matos

Adjuntos de Direcção

Deputies to the Director

Graça Rodrigues

Pedro Faro (Adj. Direcção Artística | Art Direction)

Conservação e Produção

Conservation and Production

Sara Antónia Matos

Graça Rodrigues

Pedro Faro

Hugo Dinis

Joana Batel

Comunicação

Communication

Graça Rodrigues

Assessoria de Imprensa

Press Office

Pedro Faro

Hugo Dinis

Investigação

Research

Sara Antónia Matos

Pedro Faro

Hugo Dinis

Coordenação Editorial

Editorial Coordination

Sara Antónia Matos

Serviços Administrativos

Administrative Services

Isabel Marques

Teresa Cardoso

Apoio ao Serviço Educativo

Education Support

Teresa Cardoso

PUBLICAÇÃO | PUBLICATION

Concepção, Coordenação

Conception, Coordination

Graça Rodrigues, Hugo Dinis

Texto

Text

© Sara Pereira

Poemas

Poems

© Júlio Pomar

Revisão

Proof Reading

Graça Rodrigues

Design Gráfico

Graphic Design

Tempora Design

Fotografias

Photographs

© António Jorge Silva / AMJP

Tradução

Translation

KennisTranslations

Tiragem

Print Run

500 exemplares | copies

Depósito Legal

Legal Deposit

451126/19

Impressão e Acabamento

Printing and Binding

Tipografia Lessa

1.ª Edição, Dezembro de 2018

1st Edition, December 2018

© Atelier-Museu Júlio Pomar 2018

Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC

Rua Do Vale, 7

1200-472 Lisboa

Portugal

Tel + 351 215 880 793